

AS ESTÁTUAS DAS VIRTUDES CARDEAIS DA CASA DE CÂMARA E CADEIA DE OURO PRETO: PRUDÊNCIA, JUSTIÇA, FORTALEZA, TEMPERANÇA

MARCO ELIZIO DE PAIVA*

As imagens das quatro virtudes cardeais colocadas nos quatro ângulos externos do edifício da antiga Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, hoje Museu da Inconfidência, reclamam-nos um entendimento iconográfico mais amplo, visto serem parte importante do prédio, por suas posições de destaque estrategicamente planejadas e pelo significado ético que configuram. Malgrado o primitivismo de suas execuções, elas são documento de uma intenção civilizatória que está contida no próprio prédio enquanto imponência heróica em um cenário de localização privilegiada. Portanto, se os novos valores arquitetônicos da construção registram em Ouro Preto a substituição do gosto barroco e rococó pelo desejo de uma arquitetura educacional neoclássica, esta função foi auxiliada pela estatuária alegórica que ansiamos explicar.

As quatro figuras das virtudes são de autoria atribuída a **Antônio José da Silva Guimarães**. Esta atribuição foi citada por Feu de Carvalho na obra *O Aleijadinho*, edição de 1934, à página 97. Esse artista estava vivo em 1846, pois há referência de ter recebido pagamento por uma avaliação de obra de pedra que faltava na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar naquele ano (10 de julho) (Judith Martins. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 27, 1974. p. 320). Como 1846 foi o ano em que o antigo chafariz da ponte de Ouro Preto, na parte baixa da cidade, foi transferido para a frente da escadaria da Casa de Câmara e Cadeia e adaptado ali como comemoração à maioridade de Dom Pedro II, imperador do Brasil, podemos supor que as quatro alegorias de pedra no topo do prédio podem também datar desta época, fazendo parte das conclusões da ornamentação do prédio. Como alegoria das virtudes cardeais (principais, fundamentais), a Prudência, a Justiça, a Fortaleza e a Temperança foram bem adequadas para o coroamento da construção. Apesar do prédio datar de 1785, as figuras colocadas bem mais tarde completam seu significado e testemunham o gosto estóico que se queria demonstrar.

A primeira das virtudes cardeais, a **Prudência**, foi colocada à esquerda da parte frontal do prédio. O artista a representou como uma donzela segurando uma serpente e um espelho. Do espelho só resta o pedestal em sua mão esquerda. Não temos notícia se ele era ali realmente um espelho de metal ou apenas uma escultura em pedra que se quebrou. Notadamente, a Prudência pode também ter duas cabeças (para olhar para dois lados ao mesmo tempo), mas em Ouro Preto o artista a preferiu do modo mais convencional. Devemos entender esta alegoria de modo clássico: a serpente é símbolo universal do mal e das forças das trevas. Se o homem é símbolo do esforço evolutivo, a serpente é o início deste mesmo esforço. A Prudência, segurando a serpente, simboliza a qualidade de quem age com cautela e precaução, reconhecendo suas origens primárias e evitando as fontes dos erros e dos danos que impedem a ascensão espiritual. Como o prudente deve especular, averiguar minuciosamente e examinar com atenção antes de agir, é natural que a Prudência segure também o espelho. De *speculum* (espelho) em latim originou-se a palavra “especulação”; originalmente, “especular” era observar o céu e as estrelas com o auxílio de um espelho. Conseqüentemente, o espelho, símbolo da



Prudência

* Mestre em História da Arte
Professor da Universidade Federal de Minas Gerais



Justiça

verdade e da sinceridade, serve à Prudência para guiá-la ao caminho espiritual da ascensão celeste e do autoconhecimento. No entanto, o mais correto é considerar o espelho, nas mãos da Prudência, como um instrumento divinatório, capaz de revelar a verdade para que não haja erro em suas decisões e em seus atos. A virtude da prudência ajuda a inteligência a perceber com clareza, por qualquer dos sentidos, os meios adequados ao fim sobrenatural. A Prudência é também a virtude cardeal necessária para o exercício da segunda, a Justiça.

Segunda das virtudes cardiais, a **Justiça** foi representada à direita da parte frontal da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto. O artista a representou como uma donzela segurando uma balança e uma espada, seus atributos tradicionais. A balança, símbolo em diversas culturas da pesagem dos atos e do julgamento preciso, é também símbolo de sabedoria, de quem sabe pesar os atos e as obrigações. O equilíbrio simbolizado pela balança indica um retorno à unidade, o fim da desordem. A espada (símbolo universal da virtude guerreira e da bravura) é aqui símbolo destruidor da injustiça, força mantenedora da paz. Como fiel da balança ela simboliza a separação do bem e do mal e o castigo do culpado. A espada e a balança são também os símbolos das duas maneiras pelas quais, segundo Aristóteles, se pode ver a justiça: a espada, seu poder distributivo, sua obrigação de fazer obedecer às leis; a balança, sua missão de equilíbrio social. A balança é também, nas figurações mais eruditas, mostrada imóvel, símbolo de precisão. Em Ouro Preto, o artista a planejou sendo mostrada pelo braço esquerdo erguido, enquanto o braço direito segura a espada ameaçadoramente. Neste caso fica bem evidente a condição ingênua e popular do artista extravasando o mero símbolo em uma encenação teatral. Em sua configuração mais tradicional, a Justiça tem os olhos vendados, o que foi omitido em Ouro Preto. A venda sobre os olhos, símbolo da cegueira, deriva de Têmis, deusa mitológica da justiça e da lei, filha do Céu e da Terra. Seus olhos vendados significavam a imparcialidade de suas sentenças. Na ordem sobrenatural, a imagem da justiça impõe que se dê a Deus o que é de Deus e ao mundo o que é do mundo; por isso, nem sempre as decisões da justiça são aceitas unanimemente. Em Ouro Preto, apesar de omitir a clássica figuração dos olhos vendados, o artista deu à Justiça um capacete militar; provavelmente, um esforço para ligá-la a alguma deusa guerreira da antiguidade, e assim demonstrar erudição, ou uma ingênua associação da Justiça com a força militar de seu tempo.

A terceira virtude cardeal, a **Fortaleza** (ou Força), foi colocada ao fundo do edifício, à direita. Nas versões mais eruditas, a Fortaleza (qualidade ou virtude dos fortes) é representada por uma donzela coroada com uma tiara em forma de muralha ou castelo, segurando ou pisando uma coluna (*suporte, solidez, estabilidade, força*). Às vezes pode segurar também um leão, abrindo-lhe a goela com as duas mãos, sem esforço aparente (a virtude da fortaleza não é força bruta, é força moral, espiritual; vitória do espírito sobre a matéria, domínio das paixões). A alegoria da fortaleza pode ser vista, mais literalmente, como um castelo fortificado, símbolo universal de refúgio interior e abrigo.

Em Ouro Preto, a virtude da força foi representada como um homem forte (Hércules) segurando uma clava. Essa escolha demonstra, mais uma vez, a formação popular do artista. Hércules (ou Héracles) é, na mitologia clássica, o representante idealizado da força combativa: o símbolo da vitória da alma humana sobre as suas fraquezas. Em um sentido mais amplo, Hércules como alegoria da força pretende sugerir ânimo para enfrentar as adversidades e tentações. Muitas vezes é necessária a força para a prática das demais virtudes.

A quarta virtude cardeal, a **Temperança**, é quase sempre representada por uma donzela segurando dois copos ou potes em atitude de derramar o conteúdo de um em outro. Pode trazer também um freio na própria boca ou pode trazê-lo seguro por uma das mãos. Em Ouro Preto, o artista a idealizou assim, um freio real pendente na mão esquerda e apenas um

copo sobre uma bandeja sustentada pela mão direita. Este resumo da alegoria denota novamente as qualidades primitivas deste artista, que, principalmente nesta estátua, foi mais evidente. Além do mais, como na preferência popular pela figura de Hércules para personificar a virtude da Força, aqui ele representou a virtude da Temperança como uma criada, usando uma touca típica de serviçal.

A temperança, qualidade de quem é comedido, significa o domínio do desejo, a moderação, a medida. Os dois vasos, entre os quais se trocam os líquidos, (às vezes podem ser um de prata e outro de ouro) simbolizam, no plano psicológico, o difícil equilíbrio interior que devemos manter entre nossos apetites e paixões e a sobriedade, os dois pólos opostos do nosso ser, a matéria e o espírito. O freio é um símbolo simples do comedimento e da moderação, pelo que significa de frear os impulsos, pôr freio nos desatinos, disciplinar-se. Devemos lembrar que o freio é um símbolo universal de controle. Os dois vasos da temperança significam também a ação de discernir entre o prazer e a medida certa, visto que o líquido derramado de um recipiente ao outro não se perde, mas se mistura proporcionalmente. Como uma transfusão espiritual esta mistura simboliza a entrada do espírito na matéria, alma do comedimento. Algumas representações da Temperança mostram o líquido entornado de um copo ao outro de forma ondulada e não natural. Isto representa o fato de que a conciliação entre paixões e espírito é disciplina difícil, que depende de controle e não das leis da natureza.

As Casas de Câmara e Cadeia foram construídas, através dos séculos de colonização portuguesa, sempre com esforço peculiar ao seu significado e importância; daí, suas desejadas imponências e seus destaques nas malhas construtivas urbanas da época, com a finalidade de significar, dignamente, a salvaguarda das atividades do poder municipal de então. A Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto, com sua figura de palácio-fortaleza, coroada pela torre sineira necessária às convocações municipais, não foge ao significado educativo que esses tipos de casas deveriam ter: o estabelecimento do poder municipal, um panteão dos valores e ideais que deveriam dirigir a qualificação da conduta humana. Esta imagem é mais compreensível ainda quando lembramos que prédios como esse abrigavam funções judiciais. Tornam-se reveladoras, portanto, sua forma retangular fechada e clássica, as simétricas escadarias externas e internas, a portada dupla emoldurada por sólidas colunas de capitéis jônicos, o balcão coroado por um frontão emblemático e pela torre centralizada e as figuras alegóricas das virtudes cardeais nos quatro ângulos, como sentinelas vitoriosas a representar o seu papel moralizador por sobre as sacadas de um terraço imaginário que lhes permite o “domínio” da praça. Aqui, a intenção neoclássica por um cenário didático moral transfigurava, pela primeira vez em Ouro Preto, a perseverança retórica do barroco e a elegância volátil do rococó. Os condicionamentos culturais a serem enaltecidos pertenciam então ao universo do gosto do século XIX. O próprio governador da província, Luis da Cunha Menezes, o projetou e construiu, usando significativamente *“mão-de-obra de prisioneiros - negros e vadios, submetidos a trabalho forçado”*. Mesmo causando indignação, essa intenção educativa por parte do governador revela ainda mais o significado que se pretendia para aquela construção: civilidade e educação, erudição e historicismo; “calma grandeza e nobre simplicidade”, no entender dos neoclássicos conhecedores das idéias de Winckelmann. Esses valores educativos acadêmicos oitocentistas continuaram a ser consolidados até nos tempos modernos; significativamente, o prédio se tornou o Museu da Inconfidência em 1938 e Panteão da Inconfidência Mineira em 1942. Apesar de seu monumentalismo rude, a intenção dos artistas que planejaram tão bela obra seria causar nos cidadãos que a contemplassem a ataraxia, um estado em que a alma, levada pelos ideais de moderação e espiritualidade da construção, atingisse o ideal máximo da felicidade coletiva: o entendimento da ordem, da serenidade e da



Fortaleza



Temperança

imperturbabilidade social. Conseqüentemente, não caberiam outras alegorias, exceto as das virtudes cardeais, no coroamento desta construção.

NOTAS

Verbetes: estóico

[Do gr. stoikós, pelo lat. stoicu.]

S. m.

1. Partidário do estoicismo (1).

2. Indivíduo estóico.

A d j.

3. Relativo ao estoicismo.

4. Austero, rígido.

5. Impassível ante a dor e a adversidade.

Verbetes: estoicismo

S. m.

1. Filos. Designação comum às doutrinas dos filósofos gregos Zenão de Cício (340-264) e seus seguidores Cleanto (séc. III a.C.), Crisipo (280-208) e os romanos Epicteto (?-125) e Marco Aurélio (121-180), caracterizadas sobretudo pela consideração do problema moral, constituindo a ataraxia o ideal do sábio.

2. Austeridade de caráter; rigidez moral.

3. Impassibilidade em face da dor ou do infortúnio.

A prática das virtudes cardeais pode derrotar os quatro gigantes da alma que, se não dominados completamente, desorganizam a vida humana ameaçando a organização social: o **medo**, a **ira**, o **amor** - três complexas reações neuropsicológicas humanas - e o **dever** - força repressiva gerada pelas imposições do meio social. O medo pode ser vencido pela Força, a ira deve ser dominada pela Temperança, o amor é magnífico quando controlado pela Prudência e o dever é digno quando governado pela Justiça.